

AMAZONA



SÉRGIO SANT'ANNA

# Amazona

*Romance*



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1986 by Sérgio Sant'Anna

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Celso Longo

*Ilustração de capa*

*Freaking Friday*, de Apollonia Saintclair/ [www.apolloniasaintclair.com](http://www.apolloniasaintclair.com)

*Preparação*

Leny Cordeiro

*Revisão*

Marina Nogueira

Valquíria Della Pozza

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;  
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Sant'Anna, Sérgio.

Amazona : romance / Sérgio Sant'Anna. — 1ª ed. — São  
Paulo : Companhia das Letras, 2019.

ISBN 978-85-359-3274-4

1. Romance brasileiro I. Título.

19-28939

CDD-B869.3

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : literatura brasileira B869.3

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

# Sumário

## I

1. A festa na casa do banqueiro, 11
2. Folhetim, 17
3. Amor conjugal, 21
4. A perda de um complexo, 26
5. Nasce uma mulher *ou* No estúdio do fotógrafo de olhos azuis, 33
6. Uma revista ilustrada, 40
7. *Ghost-thinker*, 47
8. Amazona, 53
9. A crise do marido, 62
10. Posições, 67
11. Revista *Flagrante*, 78
12. Revista *Flash*, 81
13. Linhas cruzadas, 85
14. Amor bandido, 90
15. A História, 94
16. O desnovelar-se de um feto, 100

17. Eros e Tanatos, 105
18. A Organização, 109
19. Outro homem sedento e desamparado, 114
20. Travessia, 119
21. Mulheres, 122
22. Deus, 134
23. Metafísica barata, 139
24. Vida, 147
25. Rio de Janeiro *by night*, 150

## II

26. Esclarecimentos, 159
27. Conversações, 164
28. Mais esclarecimentos, 173
29. Quanto ao francês..., 179
30. A outra, 183
31. (Um parênteses, um gato), 189
32. A Justiça tarda e falha, 195
33. Canais hierárquicos do poder, 201
34. O país real lá embaixo, 204
35. Atribuições do poder humano, 207
36. A dor... e o prazer!, 210
37. Mar de lama, 216
38. Coletiva à imprensa, 222
39. O presunto tinha olhos azuis, 227
40. Filha de banqueiro sequestrada pelo próprio pai, 231
41. O Instituto Médico é legal?, 236
42. Um pouco mais de metafísica barata, 242
43. Presidentes da República (I), 245
44. Presidentes da República (II), 253

- 45. O golpe do general Gouvêa, 257
- 46. A morte de uma personagem, 265
- 47. O Instituto Médico é legal, 272
- 48. Destinos, 276
- 49. A Amazona, 281

*Posfácio* — Todo poder às mulheres *ou* Quando Capitu se tornou Amazona — André Nigri, 289









## 1. A festa na casa do banqueiro

O marido, com a boca cheia de croquete, continuava a dizer babaquices na roda do secretário-geral. O secretário-geral era a mais alta autoridade presente e se colocara estrategicamente sob o lustre da sala. Havia uma auréola pairando sobre o secretário-geral, como se ele estivesse na televisão. “O Delfim...”, o marido começara a dizer, quando Dionísia se afastou, entediada.

Pegou distraidamente uma taça de champanha e por um momento se deixou ficar sozinha no meio da sala, gozando da sua disponibilidade. Depois resolveu aproximar-se da rodinha em torno do fotógrafo de olhos azuis. A roda do fotógrafo de olhos azuis era a mais prestigiada depois da do secretário-geral. Só que ali predominavam as mulheres.

“Não é só questão de um belo rosto ou um belo corpo”, disse o fotógrafo francês de olhos azuis, com o seu sotaque, “mas também uma centelha que a mulher acende dentro de si no momento da fotografia. Mas isso a gente só vai saber de verdade na hora da revelação. Como se a foto captasse uma realidade interior da modelo.”

Naquele instante a champanha havia batido no cérebro de Dionísia e ela teve certeza de que trazia a tal centelha dentro de si. O fotógrafo de olhos azuis captou o sinal e a olhou de cima a baixo, como se a despisse.

Dionísia estremeceu de prazer, que logo foi substituído pela repugnância. Porque certa mão suada, proprietária, a segurou por trás, nos ombros nus. E um pensamento que havia muito tempo pairava sobre o cérebro de Dionísia, sem se fixar, atingiu-a em cheio, como uma tijolada: “Não gosto do meu marido e estou doida para dar para outro”. A imagem do outro se formou com naturalidade: o fotógrafo de olhos azuis.

“Vem cá para eu te apresentar o dr. Ribeiro”, o marido falou. “O dr. Ribeiro é nosso diretor. Dr. Ribeiro, minha esposa.”

Num relance, foi como se os olhos do dr. Ribeiro adquirissem a forma de um periscópio e se enfiassem dentro do decote de Dionísia. O marido tinha escolhido pessoalmente aquele vestido: era negro, fofo e largo o suficiente para que o dr. Ribeiro, levantando-se na pontinha dos pés, conseguisse ver os biquinhos róseos dos seios de Dionísia.

“Muito prazer”, ela disse: “Dionísia.”

O sorriso do marido petrificou-se em sua boca e ele empalideceu. Já pedira a ela, encarecidamente, que evitasse dizer o verdadeiro nome em público. Achava-o cafona, suburbano. E somando-se isto ao fato de eles ainda morarem em Niterói, acabava-se por criar uma imagem desfavorável às pretensões do marido no banco. Até pouco tempo o Moreira fora apenas o gerente de uma agência de bairro e chegara a inventar um apelido para Dionísia, derivado do nome: Diana. Achava bonito, carinhoso e até elegante. “Diana, a Caçadora”, era como a tratava, às vezes, quando estava com muito tesão por ela.

“Diana é também a noiva do Fantasma”, Dionísia disse um dia, na cama. O marido tinha brochado imediatamente, e foi

preciso que ela se excedesse em carícias para que ele ficasse de pau duro outra vez. O marido era um cara extremamente sensível.

Dionísia, por seu lado, detestava ser apresentada como “minha esposa”. Achava ridículo, ultrapassado, possessivo, careta, embora o marido explicasse que nas reuniões formais era assim que os homens se referiam às mulheres.

Mas hoje Dionísia estava puta demais para levar isso em consideração, pois o marido a interceptara no momento exato em que ela entrava em sintonia com o fotógrafo de olhos azuis. Do ponto de vista feminino — ali em seu canto, com um sorriso cínico, deixando-se cortejar —, o fotógrafo de olhos azuis era uma figura bem mais impressionante que o dr. Ribeiro e até mesmo que o secretário-geral.

O marido só se recuperou quando o dr. Ribeiro disse: “Linda, a sua esposa. Você é um felizardo”. O dr. Ribeiro colocara uma das mãos no ombro do Moreira e outra no de Dionísia, afagando sua pele aveludada. O dr. Ribeiro era conhecido no banco como um velho metido a comedor, e os funcionários subalternos mais recalcados costumavam discutir se o dr. Ribeiro era brocha ou não.

O marido assistia a tudo, agora, com um olhar complacente, mas não foi isso que aumentou o ódio de Dionísia, acostumada às concessões que todos temos de fazer para abrir caminho na vida. O marido, por exemplo, costumava dizer que abrira seu caminho aos empurrões. E o modo como ele avançava, neste instante, em direção a um garçom com uma bandeja cheia de croquetes denotava isso: um garoto que passara uma infância não propriamente de fome, mas tendo que disputar com os irmãos, na mesa familiar, o bife que fosse menos muxibento. Na terapia de grupo que o marido frequentara, certa vez, já fora colocado que o seu Desejo, no sentido psicanalítico, era afastar-se

o mais que pudesse daquele bife muxibento. E o fino croquete de camarão que Francisco Moreira comia, agora, indicava estar ele no rumo certo, se não pusesse tudo a perder por precipitação.

A precipitação denunciada, por exemplo, quando, num gesto rápido, estendeu a mão para ser vencido por centímetros por outro cavaleiro na disputa de um único copo de uísque que passava numa bandeja. Foi aí que Dionísia teve uma outra iluminação, que só fez aumentar seu ódio: gostava do dinheiro que o marido ganhava, mas era algo repulsivo o modo como fazia para ganhá-lo.

“Vocês me dão licença que eu vou fazer xixi”, Dionísia disse, para um marido que só não deixou cair o copo de uísque porque não o tinha, na mão vazia, estendida para o ar, como se algo lhe escapasse...

Dionísia se afastava e, no meio do caminho, alguém lhe colocou mais uma taça de champanha nas mãos, que ela agora bebia num gesto que se multiplicava no banheiro espelhado. Dionísia teve a sensação de que habitava um mundo mágico, de espelhos, onde as pessoas mijavam champanha. E, já sentada no bidê, ergueu um brinde a si própria.

Neste exato instante, alguém girou o trinco da porta, que não estava trancada, e a surpreendeu assim, com a taça em riste.

“Saúde”, disse o fotógrafo de olhos azuis, erguendo seu próprio copo. E sem que Dionísia, surpresa, pudesse ter qualquer reação, ele acrescentou antes de fechar novamente a porta: “Essa é a fotografia dos meus sonhos. Uma mulher, com o vestido levantado, cavalgando o bidê de um banheiro luxuoso. Utilizando o jogo de espelhos, seriam cem mulheres, captadas em cem diferentes ângulos. E eu a batizaria de *Amazona*”.

Dionísia saiu do banheiro e aproximou-se da aglomeração

que se formava, alvoroçada, em volta da mesa, onde havia um bolo imenso, ainda coberto por um guardanapo. O banqueiro já ocupara o seu lugar bem em frente ao bolo e, à sua direita, estava o secretário-geral. À sua esquerda conseguira colocar-se, estrategicamente, o marido de Dionísia.

E foi o próprio marido quem retirou o guardanapo, como se descerrasse a cortininha de uma placa comemorativa. Houve um “oh” extasiado, emitido em uníssono. O bolo era uma reprodução fidelíssima do edifício-sede do banco e sobre ele haviam sido colocadas trinta velhinhas. Não eram velinhas, mas velhinhas mesmo e, mais ainda do que isso, elas tinham a forma de bruxas cavalgando suas vassouras, num belo trabalho artesanal. E houve até quem reconhecesse no rosto daquelas velhinhas os traços fisionômicos da mulher do banqueiro, já meio caduca e apelidada pelos subalternos recalcados, já referidos anteriormente, como “A Bruxa”. E se tal trabalho ali exposto podia não passar de uma coincidência, advinda de um excesso de criatividade dos confeitores, também se poderia, talvez paranoicamente, detectar nele o dedo da OBA (Organização dos Bancários Anarquistas), que se dedicava a pequenas retaliações de mau gosto, movendo uma guerra psicológica contra os patrões, de que se falará mais tarde.

O que interessa, por ora, é que o marido de Dionísia, revelando uma tremenda presença de espírito, própria dos ambiciosos, mandou que se apagassem as luzes e começou a puxar o “Parabéns pra você”. E, com o isqueiro, pôs-se a acender as velhinhas, demorando-se em cada uma, de modo que a chama, derretendo a cera, desfizesse rapidamente aquele equívoco, do mesmo modo como se diluem os sonhos maus para nos devolverem à realidade aconchegante de um quarto familiar, quando somos homens de bem.

Os convivas entoavam já pela segunda vez o “Parabéns pra você”, mas Dionísia não cantava como os outros. A uma certa

distância, protegida pela escuridão, ela apenas observava como o marido se sobrepunha a todos na puxação de saco. E novamente passaram por sua cabeça pensamentos desagregadores em relação à sua vida conjugal.

Mas nada como um momento atrás do outro, e é impressionante como as coisas se encadeiam para formar uma determinada história. Pela segunda vez, essa noite, os ombros de Dionísia foram tocados, só que agora para transportá-la, ao simples toque daquela mão, somado a certo tom de voz, a um sonho tão agradável que a realidade é que se assemelhava a um pesadelo pegajoso.

“Está gostando dessa festa de bancários?”, perguntou o fotógrafo de olhos azuis, com uma entonação tão neutra que só uma pessoa inteligente poderia ler nela alguma ironia.

“Adorando”, respondeu Dionísia, no mesmo tom. “Só acho o banqueiro um pouco amarrotado para ter trinta anos. No bolo havia mais ou menos trinta velinhas, não havia?”

“Velhinhas, minha cara. Velhinhas. E o aniversário não é do banqueiro, é do banco.”

A canção de parabéns estava quase no final e o banqueiro, ofegante, auxiliado pelo marido de Dionísia, tentava apagar as trinta velinhas. O fotógrafo de olhos azuis segurou a mão de Dionísia para deixar ali um cartão, onde mais tarde ela leria o que estava gravado: *Jean, fotógrafo*. E, em letras menores, o endereço do estúdio.

As luzes foram acesas de repente, no meio de aplausos, e o marido ainda teve tempo de ver a mão do fotógrafo desvencilhando-se delicadamente da de Dionísia. O fotógrafo de olhos azuis caminhou para junto da filha do banqueiro, que agora beijava o pai. Olhando duramente para Dionísia, que guardava o cartãozinho no seio, o marido ainda aplaudia.